

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTUDO TRANSCULTURAL DA INFLUÊNCIA DE VARIAÇÕES NA  
RELIGIOSIDADE SOBRE O BEM-ESTAR E A DEPRESSÃO**

Ana Rita Lacerda Pereira de Campos Peixeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2011



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTUDO TRANSCULTURAL DA INFLUÊNCIA DE VARIAÇÕES NA  
RELIGIOSIDADE SOBRE O BEM-ESTAR E A DEPRESSÃO**

Ana Rita Lacerda Pereira de Campos Peixeiro

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor João Manuel Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2011



## **Resumo**

Com este estudo, pretendemos investigar se se verifica uma diferença entre nacionalidades na influência entre a religiosidade e o bem-estar. Partimos da ideia de que é mais importante para o bem-estar o “como se é religioso” do que o simples “ser-se ou não religioso”. Abordamos a questão do ponto de vista do processamento cognitivo dos conteúdos religiosos, partindo da Teoria das Crenças Pós-Críticas de Wulff, e do ponto de vista da motivação subjacente à religiosidade, com um ênfase particular na Teoria da Auto-Determinação de Deci e Ryan. A amostra final conta com um total de 380 sujeitos, repartidos por 6 nacionalidades: 245 portugueses, 40 brasileiros, 29 irlandeses, 24 franceses, 22 canadianos e 20 espanhóis. Cada nacionalidade foi analisada em separado com o objectivo de se encontrar para cada uma o efeito dos tipos de religiosidade na satisfação com a vida e na sintomatologia depressiva, nomeadamente se a sintomatologia depressiva é explicada por uma motivação mais controlada e uma interpretação literal e se a satisfação com a vida pode ser prevista por um tipo de motivação mais autónoma e uma interpretação simbólica dos conteúdos religiosos. Os resultados obtidos revelam diferenças significativas entre cada nacionalidade, sendo apresentadas algumas sugestões explicativas do porquê dessas diferenças.

**Palavras-chave:** Religiosidade, Bem-estar, Depressão, Teoria da Auto Determinação, Teoria das Crenças Pós-Críticas



## **Abstract**

The present research aims to explore whether there is an inter-nationalities difference in the influence between religiousness and well-being. We consider that the question of how one is religious is more important than whether or not one is religious. The question is approached from the cognitive processing point of view, stemming from Wulff's Post-Critical Beliefs Theory, and from the motivational standpoint, focusing primarily on Deci and Ryan's Self-Determination Theory. The final sample has 380 subjects: 245 Portuguese, 40 Brazilian, 29 Irish, 24 French, 20 Spanish and 22 Canadians. Each nationality was analyzed separately. The goal was to find to what extent the type of religiousness affects satisfaction with life and depression symptomatology, for each nationality separately. Namely, if depression is explained by a more controlled motivation and a literal interpretation of religious, and if satisfaction is life can be predicted by a more autonomous motivation and a symbolical interpretation of religious content. The obtained results reveal significant differences between nationalities, with some explanatory suggestions being presented as to why those differences might be occurring.

**Keywords:** Religiousness, Subjective Well-being, Satisfaction with Life, Depression, Self-Determination Theory, Post-Critical Beliefs Theory





## Agradecimentos

Ao meu orientador, o professor João Moreira, por me ter providenciado confiança, autonomia e relação, tudo o que é preciso para uma motivação intrínseca.

Aos meus pais, sem os quais nada disto teria sido possível, sem os quais eu não seria certamente o que sou e não teria chegado onde cheguei. Por nunca terem deixado de acreditar nas minhas capacidades, mesmo quando eu perdia a esperança, e por terem sido incansáveis na ajuda que me deram. Ao meu irmão, por ser aquilo que um irmão mais velho deve ser, um exemplo que eu tento seguir (em quase tudo). Aos três, a minha infinita gratidão pela paciência e *expertise* com que reviram os rascunhos, permitindo a esta tese ser tudo o que podia ser.

Pelo apoio logístico e emocional sem os quais nunca teria conseguido chegar ao fim, ao Miguel e à Mia. Do fundo do meu coração, obrigada por lá teres estado sempre, no bom e no mau, principalmente no mau, sempre a postos para me ajudar, para me compreender e para me amar. ♥

Por apoiarem incondicionalmente a minha sanidade mental, o meu grato reconhecimento às minhas colegas e amigas, principalmente mas não exclusivamente à Inês, à Tânia, à Teresa (a.k.a. Salomé), à Maria Teresa e às restantes participantes activas do nosso grupo de apoio mútuo.

Por me terem permitido pôr-me de pé nos seus ombros, aos especialistas, Allport, Wulff, Deci e Ryan, bem como à Katholieke Universiteit Leuven, à University of Rochester e ao professor Bruno Gonçalves, pela disponibilização de instrumentos utilizados.

Obrigada também a todos os que ajudaram a divulgar o meu pedido, e consequentemente a recrutar participantes, em particular à Andrea Santi, pois sem o seu contributo na divulgação junto da população canadiana não teria sido possível incluí-la na minha tese.



## Índice

<b>Introdução</b>	1
Teoria das Crenças Pós-Críticas	3
Teoria de Orientação Religiosa	5
Teoria da Auto-Determinação	7
Relações encontradas na literatura entre as teorias e de cada uma com o bem-estar	9
Estudo actual	11
<b>Método</b>	12
Caracterização da amostra	12
Recolha de dados	14
Método de recolha de dados	14
Internet	15
Instrumentos/Medidas	16
Religiosidade	16
Escala de Internalização Religiosa Cristã	17
Escala I/E-R	17
Escala de Crença Pós-Crítica	18
Escala de Depressão	19
Escala de Satisfação com a Vida	20
Validade de cada escala	20
<b>Resultados</b>	22
<b>Discussão</b>	27
Portugal	27
Brasil	27
Irlanda	28
França	29
Espanha	29
Canadá	30
Limitações e Sugestões Para o Futuro	31
<b>Bibliografia</b>	33



## Introdução

A existência de algo superior aos seres humanos, que controle o curso das suas vidas e lhes dê sentido, é um tema que sempre fascinou os seres humanos. Durante milénios, crenças religiosas foram transmitidas de geração em geração, com melhor ou pior aceitação, alterando-se, refinando-se e dando lugar à miríade de denominações hoje existentes. Apesar de o conteúdo específico das crenças espirituais variar, todas as culturas têm um conceito de uma força última, transcendente, sagrada e divina (Peterson & Seligman, 2004). A religião não é mais do que uma forma organizada e sancionada pela sociedade de busca do sagrado (Snyder & Lopez, 2007). É, no entanto, difícil ser-se absoluto em qualquer proposição sobre religião. As diferenças em crenças e em práticas são inúmeras, influenciando a vida dos seus membros de formas também necessariamente muito distintas (Smart, 1969, cit. *in* Ryan, Rigby & King, 1993). A própria definição do que é ser-se religioso apresenta desafios muito próprios (Blazer, 2009). Para além das dificuldades de generalização do constructo de religiosidade, sabe-se ainda que diferenças no estilo cognitivo (v.g. Muñoz-García & Saroglou, 2008), na personalidade (Saucier e Skrzypińska, 2006) ou no tipo de motivação (Sheldon, 2006) influenciam também a forma como a religião é vivida. Autores clássicos no estudo da religiosidade como Allport (1950, cit. *in* Neyrinck, Lens, Vansteekiste & Soenens, 2010) e Fromm (1962) argumentaram que as crenças religiosas podem ser adoptadas de forma rígida e irreflectida ou de uma maneira flexível, permitindo a consideração e assimilação de novas ideias. Os sistemas religiosos podem ser adoptados por culpa, medo ou pressão social ou devido ao seu conteúdo ser aliciante por ele próprio (Ryan et al., 1993). Estas múltiplas variáveis podem afectar em grande medida o impacto que a religião terá na vida de cada indivíduo.

Tradicionalmente, a religião é um tema que divide os psicólogos. De acordo com a revisão das posições clássicas sobre religião feita por Pargament (2002), o autor cita como posições negativas: Leuba (1925), que criticava a religião como sendo irracional e patológica, Skinner (1953), que a considerava punitiva e exploradora e finalmente Freud (1927/1961), que via nela uma perigosa ilusão. O autor cita também as críticas positivas feitas à religião: James (1902) descrevia-a como o caminho para a realização do mais elevado do potencial humano, para Jung (1938/1969) era uma fonte de equilíbrio, harmonia e união e na opinião de Erikson (1950/1963) a religião é uma base de sabedoria e maturidade. Actualmente, a maioria das obras sobre o assunto concorda com

o postulado de que a religião tem mais efeitos benéficos do que adversos. Pessoas religiosas apresentam níveis mais elevados de satisfação com a vida, melhor saúde e longevidade e ser-se religioso é uma protecção contra as situações adversas e previne o abuso de drogas e álcool. A religião serve fins como explicar o desconhecido e proteger contra o temor da morte. Fornece um sistema organizado de práticas sociais e de crenças sobre o sentido da vida, dando estrutura e ajudando a moldar o que é certo ou errado. A participação na religião pode assim providenciar o suporte e orientação necessários para manter e melhorar a personalidade e a saúde mental (Ryan et al., 1993; McCullough, Hoyt, Larson, Koenig, & Thoresen, 2000; Seybold & Hill, 2001; George, Ellison, & Larson, 2002; Pargament & Mahoney, 2002; Clark & Lelkes, 2005; Saucier & Skrzypińska, 2006; Snyder & Lopez, 2007; Baetz & Toews, 2009; Koenig, 2009). E no entanto, quando a análise é transcultural, os resultados encontrados não são tão lineares e é preciso descortinar quais os mediadores destes efeitos.

Pargament e Mahoney (2002) escreveram que a espiritualidade é um facto cultural e Peterson e Seligman (2004) complementam, constatando que a maior parte dos especialistas consideram que a socialização tem um papel central na transmissão intra e inter geracional de comportamentos religiosos e de valores. Para melhor perceber a importância dos factores culturais, baseámo-nos numa primeira análise dos dados do ESS (European Social Survey) de 2006/2007, levada a cabo por Moreira (2008). O ESS realiza-se em pelo menos 25 países europeus de cada vez, permitindo conhecer as opiniões do conjunto dos cidadãos da comunidade europeia sobre diversos temas da vida social. Em cada ronda do estudo, certas perguntas são estáveis. Elas constituem a base do inquérito, permitindo criar uma imagem longitudinal da evolução dos hábitos e opiniões dos cidadãos europeus. Outras perguntas são alternadas de forma rotativa, levando a que possam ser recolhidos dados sobre uma maior profusão temática. Na ronda 3 do ESS, em que nos baseamos, a religiosidade é definida pelo sentimento de pertença a uma religião, actualmente ou nalgum ponto da história pessoal e é também pedido à pessoa que classifique o seu nível de religiosidade. São abordadas duas formas comuns de operacionalização do conceito difícil de caracterizar que é a religiosidade (Peterson & Seligman, 2004; Blazer, 2009), inquirindo sobre a frequência com que a pessoa assiste a serviços religiosos sem ser em ocasiões especiais como casamentos e funerais. No entanto, através deste foco em dimensões nominais ou comportamentais pouco ou nada fica a ser conhecido sobre como a pessoa sente ou vive a religião,

podendo ser vários os factores mediadores das relações que foram encontradas. O objectivo da análise feito era perceber qual a relação entre os níveis de religiosidade e bem-estar (que, no nosso estudo, será definido como satisfação com a vida e ausência de depressão) relatados em cada país participante. De acordo com os resultados da análise dos dados do ESS, certos países como a Irlanda, o Reino Unido e, em menor grau, a França, apresentavam uma relação positiva entre religiosidade e bem-estar. Outros, como Espanha e Portugal, apresentavam uma relação negativa.

Podemos então constatar que, mesmo num espaço culturalmente próximo como é a Europa, não só proliferam diferentes denominações como cada país apresenta interacções distintas entre religiosidade e bem-estar. Cada vez mais autores concordam que não será a religiosidade em si a afectar o bem-estar subjectivo, mas o tipo de religiosidade, dado que os diferentes tipos podem ter efeitos positivos ou adversos sobre a saúde mental (Bergin, 1991 cit. *in* Ryan et al., 1993). Numa tentativa de escrutinar o que poderá levar a estas variações, recorremos a algumas teorias explicativas do que poderá estar em jogo na religiosidade: a teoria de Wullf numa perspectiva cognitiva e a teoria geral da motivação desenvolvida por Ryan e Deci, intitulada Teoria da Auto-Determinação, largamente adaptada à religião. Estas teorias deram origem aos instrumentos por nós utilizados para aferir o tipo de religiosidade dos participantes, respectivamente a Escala de Crença Pós-Crítica (Duriez, Soenens & Hutsebaut, 2005) e o Questionário de Auto-Regulação da Religião (Ryan et al., 1993). Allport tem também uma teoria em que apresenta uma outra perspectiva motivacional, introduzindo a diferenciação entre orientação religiosa intrínseca e extrínseca. Embora já esteja actualmente um pouco ultrapassada, julgámos interessante apresentá-la e utilizar a Escala de Motivação Intrínseca-Extrínseca Revista (Gorsuch & McPherson, 1989), uma evolução do seu instrumento principal, devido à grande quantidade de investigação a que anteriormente deu origem. No entanto, esta é secundário na nossa teorização e análise de dados. Pretendemos com esta análise apurar se as diferenças entre países se podem dever a diferentes maneira de viver ou entender a religião.

### **Teoria das Crenças Pós-Críticas**

A partir do séc. XVIII, com o Iluminismo e a consequente secularização da sociedade, as crenças religiosas viram os seus fundamentos questionados pela ciência.

Como resposta a esta crise e perante o abalar dos dogmas até aí inquestionáveis, alguns vincaram a sua interpretação literal dos escritos sagrados como forma de garantir orientação (Pargament & Mahoney, 2002). Outros permaneceram crentes adoptando uma leitura pessoal e simbólica das suas crenças, superando o dilema de permanecer religioso num mundo moderno secularizado (Assor, Cohen-Malayevev, Kaplan & Friedman, 2005).

O filósofo Paul Ricoeur (1960) debruçou-se sobre a manutenção das crenças num mundo que desafiava a cada passo as próprias bases dessa mesma crença. Citando Freud e Marx como exemplos de pensadores que colocaram em causa a legitimidade da religião, o pensador cunhou aos conceitos de “seconde naïveté” (ingenuidade secundária ou renovada) e de “croyance post-critique” (crença pós-crítica). Este conceito preconiza a necessidade de uma interpretação regenerativa como adaptativa e imprescindível para a manutenção das crenças. Ricoeur postula que nestes tempos modernos, para além das críticas externas à religião, temos ainda que lidar com a crítica interna, intelectual, que surge perante os símbolos religiosos. Ele explica que já somos sábios o suficiente para que uma crença “primária”, imediata, tenha deixado de ser possível. O autor preconiza por isso que há um imperativo de adoptar uma leitura pessoal dos preceitos da sua religião para que se possa permanecer crente: “*nous ne pouvons croire qu'en interprétant*” (p.327). Mais tarde, Wulff, nos seus trabalhos sobre Psicologia da Religião (1991, 1997, cit. in Duriez & Hutsebaut, 2004) baseou-se neste trabalho de Ricoeur para desenvolver o seu próprio modelo teórico. Este inclui quatro abordagens à religião através da conjugação de duas medidas bipolares: a Inclusão vs. Exclusão do Transcendente, ou seja, a crença ou ausência dela no Divino, e o Literal vs. Simbólico, isto é, a crença literal nas doutrinas da religião ou a sua interpretação enquanto princípios simbólicos, personalizáveis e adaptáveis. Este modelo foi operacionalizado por Hutsebaut (1996) sob a forma da Escala de Crença Pós-Crítica (Post-Critical Belief Scale: PCBS). Desde aí, vários estudos comprovaram a validade de constructo da escala de acordo com o modelo de Wulff, como por exemplo os de Duriez, Fontaine e Hutsebaut (2000) e de Fontaine, Duriez, Luyten e Hutsebaut (2003). Graças à PCBS, quatro atitudes para com a religião foram definidas conforme o posicionamento em cada um dos dois contínuos, de acordo com a teoria de Wulff. Assim, uma interpretação literal pode ser usada quer incluindo o transcendente – ortodoxia (Aceitação Literal: AL), quer excluindo o transcendente – crítica externa (Rejeição Literal: RL). No campo



da interpretação simbólica, duas posturas surgem: a interpretação redutora ou relativismo perante a exclusão do transcendente (Rejeição Simbólica: RS) e a interpretação regeneradora perante a sua inclusão (Aceitação Simbólica: AS). Esta última atitude é a que mais directamente vai de encontro à “seconde naïveté” ricoeuriana, tomando mesmo por vezes esse nome.

O modelo de Wulff tem um valor particular em comparação com, por exemplo, o de Allport, uma vez que é aplicável também a pessoas não-religiosas, alargando assim substancialmente o âmbito de análise. O modelo de Allport, por seu lado, foca-se nas orientações subjacentes à religiosidade, separando-as em extrínsecas e intrínsecas, proporcionando um tipo diferente de informação do modelo de Wulff, que se situa ao nível das cognições sociais (Duriez & Hutsebaut, 2004).

### **Teoria de Orientação Religiosa**

Allport baseou-se na noção de maturidade ou imaturidade de sentimentos religiosos para desenvolver a sua teoria de orientação religiosa, que postula que um indivíduo pode seguir uma orientação religiosa mais intrínseca ou mais extrínseca (Neyrinck et al., 2010). No seu trabalho de 1967 com J. Michael Ross (Allport e Ross, 1967), Allport sumariza as duas posições, avançando que uma pessoa extrinsecamente orientada usa a religião enquanto uma intrinsecamente orientada vive a religião. De acordo com os autores, uma pessoa intrinsecamente orientada (RI) encontra nas suas crenças e valores religiosos a sua principal motivação. Nenhum outro interesse terá primazia e, se possível, as outras necessidades e objectivos serão acomodados e harmonizados com as crenças e práticas prescritas pela religião, que é completamente internalizada. Já uma pessoa extrinsecamente orientada para a religião (RE) encara a mesma de uma forma utilitária ou instrumental, usando-a para servir outros interesses. Nesta postura, a religião é vista como um meio para obter recompensas como segurança, consolo, força moral ou emocional ou socialização, além de ser assumida de uma forma não reflectida, simplificada, levada pouco a sério.

O conceito de Allport de orientação religiosa é, porém, algo ambíguo, pois tanto poderia remeter para a regulação motivacional, como faz a Teoria da Auto-Determinação, abordada à frente, como para o estilo cognitivo, como faz a teoria de

Wulff. Na verdade, o que Neyrinck e colaboradores (2010) demonstraram foi que a orientação intrínseca (RI) mede não só a motivação para a religiosidade e os comportamentos religiosos como a força da crença religiosa, uma vez que implica a aceitação completa dos conteúdos religiosos, estando por isso também, e apenas, fortemente correlacionada com a medida de inclusão do transcendente do PCBS. A teoria de Allport só é aplicável quando o sujeito é crente (Allport e Ross, 1967), uma desvantagem que alguns crêem colocar em causa toda a utilidade da aplicação prática da teoria (Dezutter, Soenens e Hutsebaut, 2006). Por outro lado, Allport conseguiu incluir no seu conceito também uma medida de estilo cognitivo, uma vez que o mesmo estudo (Neyrinck et al., 2010) demonstrou que a RI está correlacionada com uma interpretação simbólica e flexível dos conteúdos religiosos, ainda que outros autores, como Duriez e Hutsebaut (2004) defendam que os modelos de Allport e de Wulff não são comparáveis pois tratam de constructos diferentes e não logicamente relacionados.

Uma vez que uma religiosidade extrinsecamente orientada pode servir vários objectivos, Kirkpatrick (1989b, cit. *in* Kirkpatrick e Hood, 1990) cunhou os conceitos de extrínseco-social (Es) e extrínseco-pessoal (Ep), o primeiro quando a preocupação principal é obter recompensas sociais, o segundo quando o que há a ganhar é pessoal, como alívio, conforto ou protecção. Esta diferenciação foi motivada por uma análise factorial da escala original de Allport que revelou inconsistências no constructo de RE. Kirkpatrick e Hood (1990) fazem questão de frisar que esta separação da RE em dois factores distintos comprova a existência de uma falha teórica e psicométrica da escala original de Allport. Um indivíduo pode inclusivamente ser intrinsecamente religioso e ao mesmo tempo concordar com certos itens de Es ou de Ep. No entanto, Allport (1967) tinha originalmente definido a RE e a RI como pólos opostos de um contínuo ao longo do qual o indivíduo se poderia posicionar, ainda que posteriormente cite Feagin (1964, cit. *in* Allport e Ross, 1967) e pareça aceitar as suas conclusões de que a orientação intrínseca e a extrínseca são antes dimensões independentes. Aquilo que Kirkpatrick e Hood (1990) defendem é que os conceitos serão ortogonais e portanto não incompatíveis. A opinião dos autores é que, em vez de se recorrer a uma versão da escala de Allport revista e adaptada às suas descobertas, como a desenvolvida por Gorsuch e McPherson (1989), se devia apostar na reconceptualização completa da abordagem teórica e na criação de uma teoria sólida que motive e guie a investigação

nesta área, pois o uso continuado do paradigma I-E de Allport acaba, segundo eles, por ser prejudicial à evolução da Psicologia da Religião.

### **Teoria da Auto-Determinação**

A aplicação à religião da Teoria da Auto-Determinação (TAD) tem precisamente este propósito. Criada por Edward Deci e Richard Ryan nos anos 1980, é uma teoria geral da motivação humana com aplicação prática em vários campos. Os autores postulam que existem vários tipos ou qualidades de motivação. Estes dependem do nível de internalização da motivação, ou seja, da medida em que a pessoa é capaz de transformar uma regulação ou um valor que era externo numa regulação interna ou num valor próprio (Ryan et al., 1993). É desta forma que a cultura e as crenças religiosas são passadas de geração e geração, pois aquilo que já existe fora do indivíduo e lhe é transmitido directa ou indirectamente tem de ser internalizado para que essa transmissão seja bem-sucedida. Os autores da TAD (Ryan e Deci, 2000) argumentam que, como os comportamentos extrinsecamente motivados são tipicamente pouco interessantes, um dos principais motivos para alguém os executar será o facto de serem estimulados por alguém com quem se tenha ou queira ter uma relação significativa. A competência percebida é outro factor-chave da motivação, pois a pessoa estará mais motivada para desempenhar uma tarefa na qual sente que pode ser bem-sucedida. Finalmente, a sensação de autonomia é fundamental para a internalização. No contexto da TAD, autonomia não é sinónimo de independência ou individualismo, estando antes ligada à noção de escolha ou vontade própria, portanto à capacidade de decidir autonomamente o comportamento a adoptar.

A internalização pode ser conseguida em diversos graus ou formas dependendo do grau em que as necessidades acima referidas (relacionamento, competência e autonomia) estão satisfeitas. Na TAD estão previstos vários níveis de internalização, desde a motivação intrínseca, em que a internalização é perfeitamente atingida, passando por vários tipos de motivação extrínseca, em que a internalização é mais ou menos conseguida, até à amotivação, quando não há qualquer tipo de regulação, controlo, competência ou valorização. O tipo de motivação resultante dos diferentes tipos de internalização vai influenciar de forma significativa o bem-estar subjectivo e a saúde mental. Por exemplo, O'Connor e Vallerand (1990), baseando-se na TAD,

avaliaram um contínuo de internalização numa população idosa. A conclusão a que chegaram foi que estilos de internalização menos auto-determinados (i.e., menos autónomos) estavam positivamente correlacionados com depressão e negativamente correlacionados com satisfação com a vida, auto-estima e um sentimento de significado da vida. O padrão oposto foi encontrado nos estilos de internalização caracterizados por uma maior auto-determinação.

A motivação intrínseca é portanto a mais autêntica, autónoma, auto-determinada, e a que oferece maiores vantagens. Ela está presente quando as circunstâncias situacionais são óptimas, satisfazendo as necessidades básicas do indivíduo de autonomia e competência e, caso a tarefa envolva relação, como no caso de um aluno e um professor, essa relação ser sentida como segura e de confiança. O indivíduo pode assim sentir prazer pela tarefa em si, que o desafiará e lhe permitirá crescer na medida certa para que não precise de nenhum tipo de recompensa ou vigilância externas para a cumprir com zelo e entusiasmo. Sentindo-se intrinsecamente motivado para a tarefa, terá mais energia, interesse e criatividade, pelo que a tarefa será desempenhada com mais direcção e persistência, a performance será melhor e a vitalidade, a auto-estima e o bem-estar em geral serão beneficiados (Deci e Ryan, 2000; Ryan e Deci, 2000).

A maioria das tarefas a cumprir no quotidiano, no entanto, não é coadunável com uma motivação intrínseca, pois o seu objectivo é a obtenção de algo exterior à tarefa em si. O nível de internalização da motivação para a cumprir pode, ainda assim, diferir bastante dentro do contínuo de autonomia. Dentro da motivação extrínseca, o nível de autonomia pode variar entre uma escolha própria congruente com a auto-imagem, o objectivo de obter uma recompensa desejada ou o cumprimento forçado de uma imposição externa. Dentro da motivação extrínseca os autores da TAD conceberam quatro níveis.

Logo a seguir à amotivação, em que não existe qualquer intenção de agir, o nível menos autónomo dentro da motivação extrínseca é o da motivação externa. Neste nível, o comportamento é imposto por uma exigência que deve ser satisfeita ou como condição para se obter uma recompensa. Neste nível de motivação, uma pessoa só reciclaria se, por exemplo, a isso fosse forçada por lei.

No nível seguinte, o da motivação introjectada, está em jogo aquilo que Ryan e Deci (2000) descreveram como auto-estima condicionada. A motivação é incorporada

na pessoa mas não totalmente aceite como própria. O comportamento é estimulado pela vontade de evitar sentimentos de culpa, ansiedade ou vergonha, por sentimentos de dever, obrigação ou cumprimento de normas sociais, como uma pessoa que recicla pois tem medo de que se não o fizer será criticado pelos vizinhos. Outra estratégia é o envolvimento do ego, em que as pessoas devem demonstrar habilidade ou evitar o falhanço para manter a noção de valor ou alcançar uma sensação de orgulho. Tanto na motivação externa como na introjectada, o comportamento é controlado, no primeiro caso interpessoalmente e, no segundo, intrapessoalmente.

Quando a regulação é identificada, há já uma valorização pessoal e consciente das consequências externas, a pessoa percebe a importância da tarefa para a obtenção de algo que é por si valorizado, ainda que a realização da tarefa propriamente dita não seja completamente auto-determinada.

No nível de motivação extrínseca mais autónomo, a regulação é integrada, plenamente assimilada ao *self*. A importância dada à tarefa é grande, uma vez que ela está em harmonia com a auto-imagem e com os valores pessoais, pelo que a sua realização é completamente autónoma. Ainda que a motivação seja extrínseca, pois a tarefa não é realizada pelo simples prazer de a desempenhar, este é um nível de motivação óptimo pois o *locus* de controlo é interno (deCharms, 1968, cit. in Ryan e Deci, 2000) e a pessoa não se sente de todo pressionada para a concretizar. Aqui, um ecologista recicla porque através dessa acção pretende proteger o meio ambiente.

### **Relações encontradas na literatura entre as teorias e de cada uma com o bem-estar**

De acordo com o estudo de Neyrinck e colaboradores (2010), a orientação religiosa intrínseca de Allport (RI) está significativamente correlacionada com o conceito de motivação extrínseca integrada da Teoria da Auto-Determinação, tendo também sido encontrada uma forte correlação entre a RI e a motivação extrínseca identificada da TAD (Ryan et al., 1993). A RI está portanto relacionada com os dois níveis de motivação extrínseca mais autónomos da TAD, mas aparentemente os conceitos de orientação intrínseca de Allport e de motivação intrínseca de Ryan e Deci não são equiparáveis. Estes dados vão de encontro à constatação de que Allport nunca teria nos seus trabalhos definido a motivação intrínseca pelo prazer da tarefa em si (citação), como a define a TAD. Quanto à RE, o estudo de Ryan et al., 1993 encontrou uma associação moderada com o conceito de motivação extrínseca introjectada, caracterizada por um nível relativamente baixo de internalização, mas Neyrinck e

colaboradores (2010), por seu lado, não encontraram qualquer relação entre quer a Ep quer a Es e os tipos de motivação descritas pela TAD, pelo que não fica comprovado que haja qualquer ligação entre os vários conceitos.

Como é apontado por Duriez e Hutsebaut (2004), o modelo de Wulff baseia-se em variáveis cognitivas, não sendo directamente comparável nem com a teoria de Allport nem com a TAD. No entanto, tal como foi referido anteriormente, algumas correlações foram encontradas por Neyrinck e colaboradores (2010) que, no entanto, argumentam sempre que os conceitos abordados nas duas teorias são distintos, pois no caso de Allport o que está em jogo é a aceitação dos conteúdos religiosos (RI) ou os objectivos a atingir através da religião (RE), enquanto na TAD o foco é colocado na regulação ou no valor associados à prática de um comportamento religioso.

No que toca à relação entre os constructos de Allport e o bem-estar, o consenso é que o bem-estar subjectivo está positivamente relacionado com a orientação intrínseca e negativamente com a extrínseca (p.ex.: Dezutter et al., 2006). Maltby e Day (2000), por exemplo, encontraram uma associação significativa entre sintomatologia depressiva e pontuações mais altas nas medidas de Es e Ep, e pontuações mais baixas nas medidas de orientação intrínseca.

Observando as ligações entre a teoria de Wulff e o bem-estar, Luyten, Corveleyn, and Fontaine (1998) descobriram que as atitudes literais (ortodoxia e crítica externa) estão ligadas a sentimentos depressivos, avançando a sugestão de que um estilo literal de processamento dos conteúdos religiosos predirá problemas de adaptação.

Neyrinck, Vansteenkiste, Lens, Duriez e Hutsebaut (2006) estudaram o paralelismo existente entre a TAD e a teoria de Wulff. Expuseram que uma maior internalização está associada a uma interpretação dos conteúdos da crença religiosa mais aberta e simbólica, bem como a uma maior adesão às crenças cristãs. Uma regulação do comportamento religioso mais internalizada está ainda positivamente ligada ao bem-estar e a uma prática mais frequente de comportamentos religiosos. A motivação identificada relaciona-se positivamente com medidas como auto-estima, integração da identidade e auto-actualização e negativamente com depressão, ansiedade, disfunção social e somatização. A motivação introjectada, menos internalizada, relaciona-se de forma inversa com essas medidas (Ryan et al., 1993).

## **Estudo actual**

Com este estudo, pretendemos investigar se realmente se verifica uma diferença entre nacionalidades na influência entre a religiosidade e o bem-estar, como a análise do ESS (Moreira, 2008) sugere, e se o que a está a causar são os sujeitos tenderem a viver a religião de formas distintas. Baseamo-nos para isso nas teorias de Wulff, de Allport e de Deci e Ryan, pois cada uma assenta no facto de que não é tão importante para o bem-estar o “ser-se religioso” quanto o “como se é religioso” (Dezutter et al., 2006). Wulff diferencia estilos cognitivos de abordagem da religião, estabelecendo que cada pessoa pode ser crente ou não crente e ao mesmo tempo sê-lo (ou não o ser) de forma literal ou simbólica. Já para Allport (Allport e Ross, 1967) a definição assenta em duas orientações religiosas, intrínseca e extrínseca, alargadas por Kirkpatrick e Hood (1990). Deci e Ryan desenvolveram a Teoria da Auto-Determinação (TAD), uma teoria abrangente da motivação humana que tem sido sistematicamente associada a vários campos, entre os quais a religião. A TAD baseia-se na capacidade de internalização da motivação, estabelecendo diversos níveis entre a motivação extrínseca externa e a motivação intrínseca, conforme a internalização dos motivos para realizar um comportamento for melhor ou pior conseguida. Aplicando questionários relativos a cada uma destas teorias, pretendemos correlacionar os seus resultados com medidas de perturbação psicológica e de bem-estar psicológico. Incluímos ainda medidas de sentimento de pertença a uma religião, de nível de crença (diria que é uma pessoa muito ou nada religiosa) e de auto-avaliação da frequência de comportamento religioso, nomeadamente participar em serviços religiosos.

A primeira hipótese que avançamos é que há diferenças significativas entre os vários países na forma de viver a religião (h1). Em termos de correlações com o bem-estar subjectivo, espera-se que as tendências encontradas vão no sentido de associações entre sintomatologia depressiva e motivações mais controladas (h2) e uma interpretação literal dos conteúdos religiosos (h3). Esperamos ainda encontrar associações positivas entre bem-estar (satisfação com a vida) e um tipo de motivação mais autónoma (h4) e uma interpretação simbólica dos conteúdos religiosos (h5).

## Método

### Caracterização da amostra

A população-alvo era composta por falantes nativos de Português, Inglês, Francês e Espanhol, línguas em que os questionários foram disponibilizados, havendo expectativa de que houvesse uma maior concentração de cidadãos de países europeus onde essas línguas são faladas, nomeadamente Portugal, Espanha, França, Irlanda e Reino Unido. Houve uma divulgação mais intensa no sentido de recrutar participantes irlandeses, uma vez que se considerou os dados de sujeitos dessa nacionalidade particularmente relevantes por se terem destacado na análise do ESS com uma relação mais forte entre a religiosidade e o bem-estar. Embora pelo mesmo motivo tivesse sido muito interessante ter estudado cidadãos da Polónia e da Finlândia, tal revelou-se inviável, uma vez que não tínhamos acesso a traduções validadas dos vários testes nessas línguas.

Participantes cujas nacionalidades não foram representadas de forma significativa ( $N \geq 20$ ), ou que tenham respondido aos questionários numa língua que não fosse a sua língua materna, foram excluídos das análises. No total, 62 respostas não foram consideradas. A amostra final conta com um total de 380 sujeitos, repartidos por 6 nacionalidades: 245 portugueses, 40 brasileiros, 29 irlandeses, 24 franceses, 22 canadianos e 20 espanhóis. O Quadro 1 representa a percentagem de sujeitos do sexo feminino, que cresceram numa área urbana e que actualmente consideram pertencer a uma religião, por país. De seguida, nas Figuras 1, 2 e 3 podemos verificar a distribuição de sujeitos por faixas etárias, classe socioeconómica e nível de escolaridade por país, respectivamente. Não são apresentados os dados relativos ao estado civil. Foi dada a possibilidade de cada sujeito escolher mais do que uma categoria uma vez que, por exemplo, uma pessoa pode ser divorciada e ao mesmo tempo encontrar-se numa nova relação de coabitação sem casamento. No entanto, os resultados obtidos expressavam uma tal profusão de combinações de categorias que se tornou óbvio que as interpretações de cada participante eram altamente subjectivas; por exemplo, uma pessoa que está numa relação pode considerar que ao mesmo tempo é solteira enquanto outra as considera mutuamente exclusivas; algumas, ao seleccionarem casamento religioso, podem ter considerado que o civil está implícito, outras assinalam ambos, por vezes acrescentando ainda uma terceira categoria. Em resumo, as respostas eram tão complexas que se escolheu não as apresentar nem tratar, por não serem centrais para o tema.



Para o questionário sociodemográfico foi utilizada uma tradução própria dos itens, com posterior correcção por um nativo de cada língua ou por uma pessoa com um nível reconhecido de fluência equivalente ao de um nativo (nível C2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas).

Quadro 1. *Variáveis Demográficas – Sexo, Área e Adesão a uma Religião, por País*

	Sexo	Área	Relig. Actual
	% Fem.	% Urbana	% Sim
Portugal	74	76	54
Brasil	73	95	63
Irlanda	72	66	45
França	54	58	42
Espanha	70	75	20
Canadá	68	64	46

Figura 1. *Distribuição de sujeitos por faixas etárias, por país.*

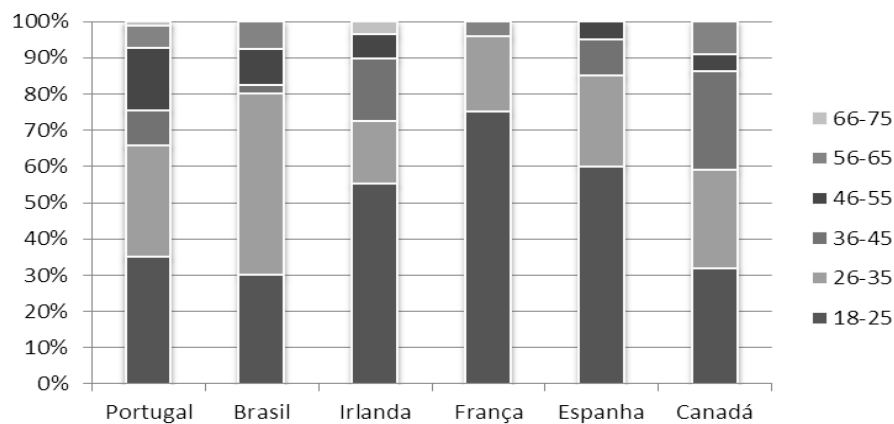


Figura 2. *Distribuição de sujeitos por classes socioeconómicas, por país.*

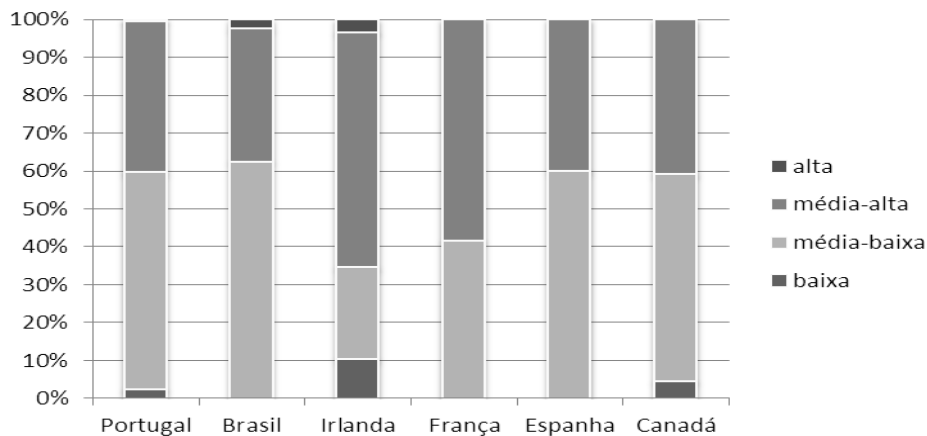
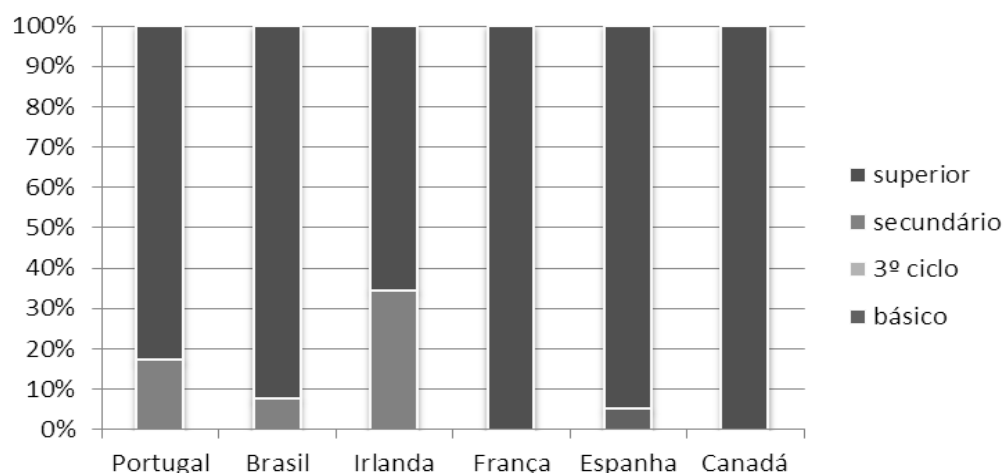


Figura 3. *Distribuição de sujeitos por nível de escolaridade, por país.*

## Recolha de dados

### *Método de recolha de dados*

A população-alvo, por estar dispersa por uma área geográfica alargada, era de difícil acesso directo. Assim, para uma recolha mais eficaz e menos dispendiosa dos dados, foi escolhido o método “bola de neve” de recolha de dados. Este método baseia-se no princípio de que cada respondente é também um potencial recrutador. Por isto foi pedido às pessoas que, depois de responderem ao questionário, passassem a palavra aos seus contactos. Este método é frequentemente usado quando a população é rara ou muito dispersa, pela especificidade dos critérios ou por se tratar de minorias, ou ainda com populações de difícil acesso como trabalhadores de sexo, toxicodependentes ou membros de subculturas (Welch, 1975). No nosso caso mostrou-se um aliado importante, uma vez que deslocar-se aos vários países em estudo para um contacto pessoal e no terreno com as populações seriam inoportunos em termos de recursos financeiros e temporais. Outro efeito positivo é o de aumentar o número de potenciais participantes, pois partiu-se de um pedido feito a um número relativamente pequeno de pessoas conhecidas que, por sua vez, puderam passar a palavra e servir de mediadores a outros contactos da sua nacionalidade. Desta forma, a consequente expansão da amostra ajuda a diminuir o erro de medida e o enviesamento. Este método é não-probabilístico, i.e., não permite recolher uma amostra representativa das populações em estudo, uma vez que nem todos os indivíduos da população-alvo têm a mesma probabilidade de serem contactados, pois pessoas com redes sociais maiores estarão mais facilmente acessíveis. As pessoas que responderam em maior número são as que têm uma boa

relação com a pessoa que os recrutou e tendencialmente terão as mesmas características demográficas do que esta, o que pode contribuir para uma maior homogeneidade da amostra recolhida (Hathaway *et al.*, 2010). Tentou-se contrariar esta tendência enviando o pedido inicial para pessoas com características o mais diversas possível. Efectuou-se inclusivamente uma divulgação junto dos líderes de paróquias, congregações e grupos de reformados dos diferentes países, através de endereços de correio electrónico disponíveis em páginas de internet, pedindo-lhes que reencaminhassem o pedido aos seus contactos. Como não foi usado nenhum método alternativo de recrutamento de participantes, não é possível aferir eficazmente os efeitos do uso deste método. Birnbaum (2004) chama ainda a atenção para o facto de amostras auto-seleccionadas, i.e., em que os indivíduos têm a opção de responderem ou não às questões, não são normalmente representativas da população em geral, pois o facto de escolher participar já é em si uma característica diferenciadora.

Planeia-se para o futuro prosseguir com o recrutamento de participantes, por forma a atenuar as limitações do estudo neste aspecto e permitir conclusões mais sólidas do que as que são possíveis de momento.

### ***Internet***

Pelas mesmas razões apresentadas em relação à utilização do método “bola de neve” o contacto com os participantes foi feito através da internet. Utilizaram-se quer contactos de endereço electrónico, quer a divulgação através de redes sociais como o “Facebook”. No pedido divulgado estava incluída uma pequena introdução com uma apresentação da investigadora e do estudo, bem como os contactos de endereço electrónico para esclarecimento de dúvidas, finalizando-se com a ligação ao questionário, disponível na plataforma “Google docs” (Anexo 1).

Embora durante algum tempo várias objecções tenham sido apresentadas relativamente ao uso da internet como meio de recrutamento de participantes e de recolha dos dados, hoje em dia vários dos problemas tipicamente apresentados como tal estão superados (Gosling, Vazire, Srivastava, & John, 2004). Birnbaum (2004), por exemplo, argumenta que a internet é um meio conveniente para efectuar investigações transculturais ou internacionais uma vez que assim que a experiência esteja disponível na internet pode ser acedida de qualquer local do mundo. Embora tal não seja verdade para todo o globo, o uso de computadores pessoais está efectivamente disseminado em larga escala nos países desenvolvidos. A taxa de penetração média da internet na União

Europeia é de 68% da população, muito acima dos 30% de média mundial (retirado de <http://www.internetworldstats.com/stats9.htm> em 7 Outubro 2011). Isto faz com que a União Europeia seja um local muito favorável à realização de estudos usando este meio de difusão. É verdade que a internet potencia a sobre-representação de pessoas de classe média ou alta, com educação superior e provenientes de meio urbano, e isso é visível na nossa amostra. No entanto, isso também é verdade para a grande maioria dos estudos realizados por métodos tradicionais, que tendem a recolher amostras de conveniência através do recurso a estudantes universitários, eles próprios pouco representativos da população geral. E a internet, estando já tão largamente difundida, providenciará certamente uma recolha de dados mais diversa (Gosling, Vazire, Srivastava, & John, 2004).

## **Instrumentos/Medidas**

### ***Religiosidade***

Para se obter uma primeira medida de religiosidade baseámo-nos nas suas dimensões nominais e comportamentais. As perguntas referentes a esta medida foram retiradas do ESS, já disponível e validado nas diversas línguas a que recorremos. Foi pedido às pessoas que indicassem se sentiam pertencer a uma religião e era dado espaço para indicar a qual. Posteriormente decidiu-se não analisar esta informação devido à subjectividade com que os sujeitos responderam, uma vez que havia grandes variações no nível de especificidade empregue. Como medida comportamental da religiosidade apurou-se a frequência com que cada um assiste a serviços religiosos, introduzindo-se a ressalva de não contar ocasiões como casamentos e funerais. Essas situações constituem rituais sociais e poderiam enviesar os dados, revelando uma maior frequência do que aquela que é relevante enquanto expressão da religiosidade. As possibilidades de resposta e respectivas pontuações atribuídas foram: 0 - nunca; 1 - menos vezes ainda; 2 - apenas em dias santos; 3 - pelo menos uma vez por mês; 4 - uma vez por semana; 5 - mais de uma vez por semana; 6 - todos os dias.

Pediu-se ainda uma auto-caracterização da religiosidade através de uma escala de Likert com 11 pontos, na qual a pessoa devia discriminar quão religiosa se considera, sendo 10 muito religioso e 0 nada religioso.

Estes dois resultados foram padronizados para se obterem resultados *Z* e posteriormente somados. Dessa forma obteve-se uma medida única de religiosidade, utilizada nas análises subsequentes.

### ***Escala de Internalização Religiosa Cristã***

A Escala de Internalização Religiosa Cristã (Christian Religious Internalization Scale - CRIS) é uma de várias escalas concebidas para averiguar o nível de auto-regulação ou auto-determinação de um indivíduo em vários domínios da sua vida, neste caso quanto à religião. Desenvolvida com base na Teoria da Auto-Determinação, foi validada por Ryan, Rigby e King (1993). Com ela pode-se aferir tanto o grau de importância da motivação identificada (autónoma), como a da introjectada (controlada). Um exemplo de item que mede a motivação identificada é: “eu partilho a minha fé porque Deus é importante para mim e eu gostaria que outras pessoas também O conhecessem”. Para medir a motivação introjectada são usados itens como: “quando me volto para Deus, faço-o a maior parte das vezes porque me sentiria culpado se não o fizesse”. As opções de resposta são seleccionadas numa escala de Likert que varia entre 1 - nada verdadeiro e 5 - muito verdadeiro (Sheldon, 2006).

Para esta escala apenas foi possível encontrar já validada a versão inglesa. Foram por isso efectuadas traduções pela investigadora para português, espanhol e francês, com retroversões efectuadas por indivíduos bilingues, sem que tenham sido detectadas alterações perceptíveis no conteúdo dos itens. De seguida procedeu-se a uma análise factorial (Anexo 2), utilizando apenas os dados dos participantes Portugueses, uma vez que as amostras dos outros países eram demasiado pequenas e a mistura de participantes de diferentes nacionalidades poderia introduzir distorções nos resultados devido às diferenças de médias entre países/culturas. Numa análise pelo método de componentes principais, o “teste do cotovelo” indicou claramente dois factores que, após uma rotação Varimax, se mostraram muito semelhantes aos reportados por Ryan e colaboradores (1993). No entanto, o item 2 saturava no factor oposto ao esperado, pelo que se decidiu, por uma questão de validade, eliminá-lo das análises subsequentes. Desta forma, obteve-se uma subescala que mede a motivação autónoma (“Aut”), com 6 itens, e uma subescala de 5 itens relativos a uma motivação controlada (“Cont”). Os alfas de cada uma para cada país mostraram-se adequados, podendo ser consultados no Quadro 2.

### ***Escala I/E-R***

Gorsuch e McPherson (1989) criaram uma escala que, embora baseada na escala de orientação religiosa de Allport e Ross, introduziu algumas alterações à versão original. Esta escala, conhecida como Escala I/E-R (Escala de Orientação Religiosa-Revista), tem 14 itens que medem as motivações intrínsecas e extrínsecas dos comportamentos e

crenças religiosas do respondente. A subescala de motivação intrínseca (I) é constituída por 8 itens e mede as motivações para a prática religiosa que emergem da tradição que o indivíduo subscreve. Um exemplo de item desta escala é “Gosto de ler sobre a minha religião”. Há duas subescalas de motivação extrínseca que medem o grau em que os comportamentos religiosos surgem de motivações utilitaristas, a pessoal (Ep) e a social (Es), cada uma com 3 itens. Um exemplo de item da Ep é “Rezo sobretudo para obter alívio e protecção”. A subescala Es tem itens como “Vou à Igreja porque me ajuda a fazer amigos”. As respostas são dadas numa escala de Likert com 5 pontos dispersos entre 1-discordo totalmente e 5-concordo totalmente. A versão portuguesa usada (ainda em estudo) foi elaborada por Linares (s.d.). A versão espanhola foi apresentada por Amon e Yela (1968). Os alfas de cada subescala para cada país podem ser consultados no Quadro 2.

### ***Escala de Crença Pós-Crítica***

Inicialmente a PCBS, Escala de Crença Pós-Crítica, foi desenvolvida por Hutsebaut (1996) com base na teoria desenvolvida por Wulff. Foi posteriormente alterada por Fontaine, Duriez, Luyten e Hutsebaut (2003), sendo deles a que se considera a versão original, com 33 itens. Duriez, Soenens e Hutsebaut (2004) seleccionaram os 18 itens que melhor discriminavam as dimensões teorizadas por Wulff, inclusão vs. exclusão da transcendência e interpretação literal vs. simbólica, tendo ainda simplificado a redacção de cada um destes itens para que a utilização da escala fosse o mais simples possível. De seguida os autores validaram essa versão constatando que não só as dimensões que dela se podem retirar se mantiveram, como a relação com as variáveis externas se manteve. A tradução espanhola foi validada por Muñoz-García e Saroglou (2008).

Neste estudo usámos a versão reduzida da escala original. Assim, os participantes responderam aos 18 itens da PCBS através de uma escala de Likert de 7 pontos, sendo indicado que o 1 corresponde a “completamente em desacordo” e o 7 a “completamente de acordo”. Como para o CRIS, procedeu-se a uma análise factorial utilizando apenas os dados dos participantes Portugueses. Numa análise pelo método de componentes principais, o “teste do cotovelo” indicou a presença de três factores, cuja matriz após uma rotação Varimax pode ser consultada como Anexo 3. No entanto estes factores não eram muito consistentes pois um era claramente bipolar, correspondente ao cruzamento das duas dimensões do modelo (rejeição literal vs inclusão simbólica) enquanto os outros dois eram unipolares, um correspondente à rejeição simbólica e outro à inclusão

literal. A utilização das 4 escalas faria com que algumas delas tivessem correlações muito altas entre si. Portanto, optou-se por somar as escalas, depois de padronizadas e obtidos os resultados Z, de modo a ficar com as dimensões básicas do modelo. A soma foi feita da seguinte maneira: Aceitação = Aceitação Literal + Aceitação Simbólica – Rejeição Literal – Rejeição Simbólica; Simbolismo = Aceitação Simbólica + Rejeição Simbólica - Aceitação Literal – Rejeição Literal. Desta forma foi possível reduzir as correlações bastante elevadas que existiam entre as escalas nalguns países, algo importante dada a reduzida dimensão das amostras. Permitiu também clarificar as interpretações à luz do modelo teórico.

### ***Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos***

A Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D) foi concebida como um instrumento auto-descritivo e tem sido usada como instrumento de triagem da sintomatologia depressiva, tanto para a população em geral como para populações clínicas. Trata-se de uma técnica económica e eficiente, já que a sua aplicação demora apenas cerca de cinco minutos. É composta por vinte itens, que reflectem alguns componentes da depressão referidos na literatura e identificados em estudos de análise factorial. Os seus itens inquiram, assim, quanto à presença de sintomas depressivos como humor deprimido (ex.: "Senti-me deprimido"), sentimentos de culpa (ex.: "Senti que valia tanto como os outros") ou de desvalorização (ex.: "Senti que as pessoas não gostavam de mim"), sentimentos de exasperação ou desconsolo (ex.: "Senti que não conseguia livrar-me da neura ou da tristeza, mesmo com a ajuda da família ou dos amigos") e desespero (ex.: "Senti que a minha vida tinha sido um fracasso"), presença de lentificação psicomotora (ex.: "Senti falta de energia"), perda de apetite (ex.: "Não me apeteceu comer; estava sem apetite") e perturbações do sono (ex.: "Dormi mal"). As instruções especificam que as respostas devem ser dadas de acordo com o que os sujeitos sentiram ou como reagiram na semana que precedeu a aplicação do teste. São atribuídos a cada resposta entre zero e três pontos, de acordo com a frequência relatada: nunca ou muito raramente (menos de um dia), ocasionalmente (um ou dois dias), com alguma frequência (três ou quatro dias) ou com muita frequência (cinco ou sete dias). Quatro dos vinte itens são expressos no sentido da presença de afectos positivos, pelo que a sua pontuação é invertida, o que funciona como mecanismo adicional de validação, por permitir reduzir o impacto de tendências de resposta como a aquiescência. A pontuação total no instrumento pode assim variar

entre 0 e 60 pontos, o que pressupõe a existência de um contínuo entre o funcionamento normal (caracterizado pela ausência de sintomatologia depressiva) e formas de depressão mais graves (Radloff, 1977). A versão portuguesa é da autoria de Gonçalves e Fagulha (2004) e a francesa foi validada por Morin e colaboradores (2011). A versão espanhola, criada para ser o mais neutra possível no que toca a variações regionais, foi desenvolvida por Perczek, Carver, Price e Pozo-Kaderman (2000). Os alfas para cada país mostraram-se adequados, podendo ser consultados no Quadro 2.

### ***Escala de Satisfação com a Vida***

Como medida positiva de bem-estar subjectivo, foi aplicada a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS – Satisfaction With Life Scale). Com apenas cinco itens, o seu objectivo é avaliar a satisfação com a vida global, não analisando constructos como afecto positivo ou solidão. Constitui, por isso, uma medida cognitiva do bem-estar subjectivo. Ao definir a sua satisfação com a vida, o indivíduo compara as suas condições actuais com aquilo que seriam as suas condições ideais. Esta análise das expectativas é feita com base num padrão auto-determinado do que uma vida plena deve ser, e não é algo externamente imposto. Este processo implica, portanto, um julgamento global da qualidade da vida actual, o que terá um significado diferente para cada pessoa (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985). Este é o ponto forte desta escala, que a torna um bom complemento para uma escala baseada em psicopatologia, como a CES-D, permitindo uma avaliação mais correcta e aprofundada do bem-estar (Pavot e Diener, 1993).

A versão francesa foi validada por Blais, Vallerand, Pelletier e Brière (1989). A versão portuguesa da escala foi desenvolvida e validada por Laranjeira (2009), que atestou quanto à sua validade, alta consistência interna e eficiência. Alguns exemplos de itens são “Estou satisfeito com a minha vida” e “As minhas condições de vida são excelentes”. Foi usada uma escala de Likert de 7 pontos em que o 1 estava identificado como “totalmente em desacordo” e o 7 como “totalmente de acordo”. Os alfas para cada país mostraram-se adequados, podendo ser consultados no Quadro 2.

### ***Validade de cada escala***

Depois de realizada a análise factorial, que nos permitiu decidir quais os itens mais adequados para avaliar os constructos pretendidos, procedeu-se à verificação da



fiabilidade das escalas finais, para cada país, através do alfa de Cronbach. O resultado pode ser encontrado no Quadro 2.

Quadro 2. *Alfas de Cronbach de cada escala, por país.*

$\alpha$ de Cronbach											
	SWLS	CES-D	Escala I/E-R			PCBS				CRIS	
			I	Ep	Es	AL	AS	RS	RL	Aut	Cont
Portugal	.88	.88	.64	.87	.83	.60	.83	.66	.82	.96	.76
Brasil	.90	.88	.71	.81	.81	.59	.70	.75	.85	.94	.52
Irlanda	.83	.90	.76	.78	.69	.84	.58	.73	.77	.94	.81
França	.83	.90	.51	.90	.73	.55	.90	.51	.80	.95	.90
Espanha	.81	.85	.04	.81	.94	.75	.71	.67	.45	.97	.41
Canadá	.90	.68	.81	.87	.86	.55	.76	.89	.89	.96	.83

## Resultados

Embora o questionário baseado na teoria de Allport tenha sido incluído no protocolo que se aplicou aos sujeitos, os seus resultados não foram posteriormente considerados. Isto deveu-se ao alfa extremamente baixo da escala Intrínseca na população espanhola (.04), que coloca em dúvida a fiabilidade de quaisquer conclusões que pudessem ser dela retiradas. Além disso, a sua elevada correlação com outras variáveis presentes no estudo dava origem a problemas de multicolinearidade, pelo que julgámos mais sensato que as suas subescalas não estivessem incluídas nas regressões.

As médias e desvios-padrão para cada escala em cada país são apresentados no Quadro 5. É de remarcar os brasileiros terem claramente sido os que se apresentaram como mais religiosos, e os espanhóis como menos, tanto no valor que atribuíram ao seu nível de religiosidade como em relação à frequência com que participam em serviços religiosos. Os canadianos são os que relataram uma maior satisfação com a vida e uma menor frequência de sintomatologia depressiva.

Através de uma análise de variância multivariada (MANOVA) verificou-se haver diferenças significativas entre as nacionalidades no que toca aos resultados dos sujeitos nas escalas: Traço de Pillai = .29,  $F(50, 1840) = 2,86$ ,  $p < .001$ . Não foram realizados testes Post Hoc por a dimensão da amostra portuguesa ser muito superior às outras, pelo que os resultados dos testes de comparações múltiplas seriam enganadores.

A capacidade de as variáveis da religiosidade preverem a sintomatologia depressiva e a satisfação com a vida foi analisada através de análises de regressão linear, separadamente para cada uma das variáveis dependentes e cada um dos países com o número mínimo de participantes. Os testes de significância do aumento da variância explicada de um passo para o outro ( $\Delta R^2$ ) e das relações entre cada variável e a sintomatologia depressiva, podem ser encontrados no Quadro 6, enquanto que o Quadro 7 se reporta à satisfação com a vida.

Quadro 5. *Médias e desvios-padrão da Religiosidade, Frequência de Serviços Religiosos, e Variáveis das Motivações e Crenças Religiosas, por País*

	Relig.	Freq. Serv.	SWLS	CES-D	I	Ep	Es	AL	AR	RS	RL	Aut	Cont
<i>M/SD</i>													
Portugal	5.00/	2.63/	24.39/	14.64/	23,02/	8,58/	4,40/	9,18/	15,65/	19,83/	15,21/	15,33/	6,47/
	2.83	2.47	6.02	8.70	6,31	3,78	2,24	4,35	4,37	4,70	6,85	8,48	2,55
Brasil	6.65/	4.30/	24.48/	16.73/	26,30/	10,03/	5,53/	9,80/	16,80/	19,08/	14,23/	21,00/	6,80/
	3.07	2.28	7.03	9.83	6,94	3,78	2,75	4,93	4,13	6,24	8,13	8,42	2,37
Irlanda	4.17/	1.45/	24.17/	12.10/	22,66/	8,28/	3,97/	8,14/	14,93/	21,31/	16,69/	11,97/	7,24/
	2.79	1.86	5.17	9.29	7,11	3,49	1,70	5,07	3,48	4,67	6,69	7,11	3,36
França	3.79/	1.17/	24.46/	15.63/	22,83/	7,21/	4,38/	10,08/	12,83/	19,42/	18,92/	11,33/	7,42/
	2.87	1.20	5.37	9.88	5,78	4,20	2,24	4,38	5,31	4,36	7,21	6,72	3,78
Espanha	2.70/	.55/	24.55/	9.60/	20,90/	5,40/	3,75/	7,70/	12,10/	20,50/	20,30/	8,80/	5,35/
	2.23	1.05	4.93	7.33	3,73	3,17	1,94	4,46	4,56	4,82	4,71	6,28	0,81
Canadá	3.95/	1.50/	28.14/	7.68/	22,36/	7,23/	4,77/	8,00/	13,23/	20,14/	17,18/	11,86/	6,95/
	3.14	1.99	4.84	4.03	8,14	3,89	2,33	4,74	4,88	7,23	9,27	7,86	3,29

O efeito conjugado de um pequeno número de sujeitos em cada amostra com um grande número de variáveis pode levar a efeitos estatísticos que mascarem a real natureza de alguns resultados. Assim, para os países que não Portugal, as amostras são demasiado pequenas para que os resultados tenham uma grande capacidade explicativa, uma vez que alguns casos extremos podem ter um peso exagerado nos resultados. Não obstante a ausência de significância na maioria das análises, a discussão considerará os resultados no contexto da generalidade dos dados obtidos.

Quadro 6. Para a Sintomatologia Depressiva, Variância Explicada em Cada Bloco e Coeficientes  $\beta$  por Variável, por País

	$\Delta R^2$			Coeficientes de Regressão Padronizados $\beta$				
	Dem.	Relig.	Var. R	Relig.	Aut	Cont	Aceitação	Simbolismo
Portugal	.080**	.000	.022	.06	-.20	.16*	.04	.06
Brasil	.197	.002	.017	-.20	.16	-.02	-.03	.12
Irlanda	.281	.023	.129	-.46	.53	.34	-.54	-.29
França	.333	.000	.273	-.30	.45	-.01	-.23	.54
Espanha	.363	.003	.183	.67	-.71	-.47	.28	.15
Canadá	.314	.022	.253	.65	-1.64	.73	.30	.10

Nota. Dem. = Variáveis demográficas. Relig. = Nível de religiosidade. Var. R = Variáveis das motivações e crenças religiosas. \* $p < .05$ . \*\*  $p < .01$ .

Quadro 7. *Para a Satisfação com a Vida, Variância Explicada em Cada Bloco e Coeficientes  $\beta$  por Variável, por País*

	$\Delta R^2$			Coeficientes de Regressão Padronizados $\beta$				
	Dem.	Relig.	Var. R	Relig.	Aut	Cont	Inclusão	Simbolismo
Portugal	.039	.011	.044*	-.30	.44	-.16	.12	-.04
Brasil	.198	.019	.040	.53	-.25	.05	-.12	-.22
Irlanda	.244	.091	.062	.18	.50	-.22	-.18	-.14
França	.162	.167*	.034	.31	.30	.03	-.10	.09
Espanha	.247	.051	.367	-1.38*	1.22*	.32	-.08	.36
Canadá	.390	.055	.314	-.13	.56	-.18	-.96	.37

## Discussão

### *Portugal*

No caso de Portugal os factores cognitivos aparentam não influenciar de forma forte nem a satisfação com a vida nem a depressão. O tipo de crenças (rejeição / inclusão do sagrado e literal / simbólico) parece contribuir muito pouco para a explicação da satisfação com a vida e da depressão. Já para a motivação não só as relações se mostraram mais fortes como uma delas atingiu mesmo valores significativos ( $p < .05$ ). Assim, podemos com bastante segurança constatar que a motivação autónoma contribui positivamente para a satisfação com a vida e negativamente para a depressão (com um coeficiente  $\beta$  de .44). De forma consistente, a motivação controlada contribui de forma positiva para a depressão e negativa para a satisfação com a vida (ScV). O efeito da religiosidade na depressão foi negligenciável mas a relação negativa com a ScV é de alguma relevância.

Em suma, para os portugueses, a prática religiosa e a auto-avaliação como pessoa religiosa não contribuem de forma relevante para a satisfação com a vida, e parecem mesmo potenciar a depressão. Isto acontece não obstante haja aspectos da religiosidade que têm efeitos positivos sobre o bem-estar, mas o que os resultados demonstram é que, para os portugueses, é o tipo de motivação para a religiosidade, e não a religiosidade em si, que demonstra efeitos positivos.

### *Brasil*

Os brasileiros foram os sujeitos que apresentaram a média mais alta, destacando-se nitidamente dos demais, na auto-classificação de religiosidade e na frequência de serviços religiosos. A religiosidade aparece como um factor protector do bem-estar, com uma forte relação positiva com a ScV e uma relação negativa com a depressão. Contrariamente ao que seria de esperar, uma motivação autónoma, cuja média foi também mais alta nesta amostra do que nas restantes, aparenta ser para os brasileiros pernicioso para o seu bem-estar. No entanto, é necessário ter em conta que religiosidade e motivação autónoma estão fortemente correlacionadas entre si (.93 entre os brasileiros; as matrizes de correlações entre as principais variáveis, por país, são

consultáveis no Anexo 4). O resultado aqui é um efeito negativo da motivação autónoma que não passará de um artefacto estatístico, um efeito de supressão, devido ao facto de a religiosidade estar mais fortemente relacionada com o bem-estar do que a motivação autónoma. Por conseguinte, podemos apenas constatar que, no caso dos brasileiros, e ao contrário dos portugueses, a religiosidade, e não o tipo de motivação, é o factor mais importante no bem-estar.

Os dados apontam ainda para que uma interpretação mais literal seja benéfica para o bem-estar. Seria necessário um estudo mais aprofundado da própria cultura brasileira, ou pelo menos uma análise de uma amostra mais representativa, para que se pudesse fazer uma interpretação significativa deste resultado. No nosso estudo, a amostra recolhida apresenta um claro enviesamento, com 73% de sujeitos do sexo feminino e 95% de sujeitos provenientes de um meio urbano.

### ***Irlanda***

Quando se analisam as relações com a depressão, pode-se constatar um resultado na amostra irlandesa semelhante ao do Brasil, ou seja, na Irlanda parece ser o tipo de crenças e a religiosidade em si que são protectoras em relação à depressão, e não o tipo de motivações. A religiosidade aparece assim com uma relação negativa com as queixas depressivas, o que é compatível com a análise original dos dados do ESS e com a literatura existente sobre os efeitos protectores da religião. A análise dos factores cognitivos revela uma relação negativa forte entre a Inclusão e a depressão, sendo também encontrada uma relação negativa entre Simbolismo e depressão, ainda que menos forte. Os resultados sugerem, em acordo com a teoria de crenças pós-críticas, que na amostra irlandesa a rejeição literal é o factor que mais contribui para as queixas depressivas.

Já para a satisfação com a vida, a motivação autónoma desempenha um papel positivo enquanto a motivação controlada apresenta um padrão congruente com o esperado, de relação positiva com a depressão e negativa com a satisfação com a vida.



### ***França***

O que ressalta em relação à França é a percentagem de variância explicada pelas variantes da religiosidade, que é a mais elevada de todas. A religiosidade está a correlacionar-se positivamente com satisfação com a vida e negativamente com a sintomatologia depressiva, de forma congruente com o encontrado na análise do ESS. Assim, e tal como para a amostra irlandesa, o efeito protector da religiosidade tipicamente encontrado na literatura, como exposto largamente na introdução, parece estar em acção aqui.

É surpreendente nesta amostra que a motivação autónoma e uma visão simbólica da religião estejam associadas a mais depressão. Sendo a pátria de Ricoeur, esperávamos que uma visão mais sofisticada da religião tivesse consequências mais positivas. Uma análise mais detalhada das visões e vivências específicas das igrejas de cada país seria provavelmente importante na discussão destes resultados. Já o padrão para a motivação autónoma, apesar de também contra-intuitivo, pode reflectir um efeito estatístico semelhante ao que se verificou na Irlanda.

### ***Espanha***

Com apenas 20% de respostas positivas, a espanhola foi a amostra em que se obteve a menor percentagem de sujeitos que declararam pertencer actualmente a uma religião, o que leva a que se devam considerar com precaução os resultados obtidos. Ainda assim, os dados recolhidos de cidadãos espanhóis foram de encontro à análise do ESS, apresentando uma relação positiva bastante consistente entre religiosidade e depressão. Da mesma forma, a relação entre religiosidade e bem-estar é negativa, fortíssima e significativa, o que acrescenta sem dúvida relevância a essa análise. Podemos também constatar que o padrão dos espanhóis parece ser até certo ponto semelhante aos dos portugueses, com as motivações a serem os melhores protectores contra a depressão.

Em relação à satisfação com a vida, surgem dois resultados anómalos (coeficientes de regressão padronizados  $\beta$  superiores a 1), mas com o mesmo padrão anterior: a correlação elevada entre motivação autónoma e religiosidade faz com que a última surja

com um coeficiente negativo por a motivação autónoma ser um preditor mais eficaz da satisfação com vida nesta amostra.

### *Canadá*

O efeito que aparece mais forte nesta amostra é o da motivação autónoma, que prevê uma menor sintomatologia depressiva. Também enquanto preditores da depressão, embora menos fortes, surgem a religiosidade, a motivação controlada e a inclusão do transcendente.

A motivação autónoma tem também um forte efeito positivo enquanto preditor da satisfação com a vida, tal como o simbolismo.

Os resultados do Canadá são totalmente congruentes com a literatura, possivelmente por a maioria das publicações sobre este assunto ser anglo-saxónica.

### **Limitações e Sugestões Para o Futuro**

A limitação que terá mais relevância referir em relação ao nosso estudo é o facto de as amostras, com excepção da portuguesa, serem demasiado pequenas para se poderem tirar resultados representativos e claramente interpretáveis. Estudos futuros deverão basear-se em amostras maiores para dar peso às conclusões atingidas.

Seria também interessar poder incluir mais países dos investigados na análise dos resultados do European Social Survey, nomeadamente a Alemanha, a Polónia e a Finlândia pelos seus fortes efeitos positivos apresentados da religiosidade no bem-estar subjectivo e a Estónia e Bulgária pelos efeitos negativos. Para tal seria preciso, contudo, traduzir em cada uma dessas línguas e posteriormente validar as escalas utilizadas. Pela dificuldade que esse trabalho implica recomenda-se que tal constituísse uma investigação independente, que servisse de base para uma posterior análise das relações entre os constructos.

O facto de os questionários utilizados terem um foco grande na religião católica prejudica a generalização das conclusões obtidas, principalmente em países com uma maior diversidade cultural, como a França, típico destino de imigração.

Há também a considerar o facto de algumas culturas serem mais colectivistas e outras mais individualistas. A religião pode assim nalguns países ser um fenómeno de coesão de grupo e noutros ser mais baseada em espiritualidade sem adesão a uma religião em particular. Isto dificulta a generalização de quaisquer resultados, mas acrescenta hipóteses explicativas e uma melhor compreensão dos fenómenos. Isto é particularmente relevante no que toca ao efeito de motivações mais autónomas ou mais controladas.

A compreensão mais aprofundada das diferenças interculturais em termos do tipo de religiosidade mais socialmente aceite poderia também ajudar a compreender o impacto da função executiva nos efeitos que analisámos. É previsto que se dê um efeito de ajustamento cultural, em que os indivíduos demonstram a sua flexibilidade no ajuste às normas sociais e culturais do seu contexto demográfico e histórico. Quando a forma de experienciar a religiosidade é muito diferente da forma típica das pessoas à volta do sujeito, isso poderá ter uma influência negativa no seu bem-estar. Desta forma, o tipo de processamento cognitivo ou de motivação para a religião terá não só por ele próprio um

efeito no bem-estar, como o seu efeito também estará dependente do julgamento da sua adequação ao esperado pela sociedade em que o sujeito está inserido.

As teorias em que nos baseámos têm mostrado um bom potencial explicativo de variações nos efeitos da religião, pelo que mais do que apresentar resultados consistentes, julgamos relevante o ter-se fornecido material para investigações futuras, nomeadamente a tradução de questionários-chave da Teoria da Auto-Determinação aplicada à religião e da Teoria das Crenças Pós-Críticas. Sendo a religião um tema que tem uma relevância literalmente milenar na vida dos seres humanos, a Psicologia moderna não deve deixar de se focar nele e de o investigar, tendo por base teorias sempre revistas e melhoradas. A religião suscita fortes paixões e ódios, motivando tanto actos de um altruísmo extraordinário como genocídios e guerras. A necessidade de perceber melhor os mecanismos psicológicos que lhe estão subjacentes, fortalecendo a Psicologia da Religião com resultados de investigações científicas, não deve ser negligenciada. Hoje em dia vivemos num mundo globalizado em que sociedades cada vez mais desligadas do seu lado espiritual convivem de perto com países em que a religião é imposta de forma fundamentalista. As consequências estão ainda por apurar, mas é importante que os psicólogos não se descartem nem da sua função de contribuir para o avanço da ciência com uma compreensão aprofundado dos fenómenos, nem da sua função preventiva, ajudando ao conhecimento mútuo e à empatia inter-grupos.

## Bibliografia

- Allport, G. W., Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4), 432-43.
- Amon, J. & Yela, M. (1968) Dimensiones de la religiosidad. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 23, 989-93.
- Assor, A., Cohen-Malayev, M., Kaplan, A., Friedman, D. (2005). Choosing to stay religious in a modern world: Socialization and exploration processes leading to an integrated internalization of religion among israeli jewish youth. *Advances in motivation and achievement*, 14, 105-50.
- Baetz, M., & Toews, J. (2009). Clinical implications of research on religion, spirituality, and mental health. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(59), 292–301.
- Birnbaum, M. (2004). Human research and data collection via the internet. *Annual Review of Psychology*, 55, 803-32
- Blais, M. R., Vallerand, R.J., Pelletier, L. G., & Brière, N. (1989). Validation transculturelle de l'échelle de satisfaction de vie. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 21, 210-33.
- Blazer, D. (2009). Religion, spirituality, and mental health: What we know and why this is a tough topic to research. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 281-2.
- Clark, A. E., & Lelkes, O. (2005). *Deliver us from evil: religion as insurance*. (Working Paper N° 2005 – 43). Retirado de [www.parisschoolofeconomics.com](http://www.parisschoolofeconomics.com).
- Clark, A., & Lelkes, O. (2004). *Let us pray: Religious interactions in life satisfaction*. (Working Paper N° 2009 – 01). Retirado de [www.parisschoolofeconomics.com](http://www.parisschoolofeconomics.com).
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227-68.
- Dezutter, J., Soenens, B., & Hutsebaut, D. (2006). Religiosity and mental health: A further exploration of the relative importance of religious behaviors vs. religious attitudes. *Personality and Individual Differences*, 40, 807-18.

- Diener, E., Emmons, R.A., Larsen, R.J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-5.
- Duriez, B., Fontaine, J. R. J., & Hutsebaut, D. (2000). A further elaboration of the Post-Critical Belief scale: evidence for the existence of four different approaches to religion in Flanders-Belgium. *Psychologica Belgica*, 40, 153–181.
- Duriez, B., & Hutsebaut, D. (2004). A slow and easy introduction to the Post-Critical Belief Scale. Internal structure and external relationships. In D. M. Wulff (Ed.), *Handbook of the Psychology of Religion*, Oxford University Press.
- Duriez, B., Soenens, B., & Hutsebaut, D. (2005). Introducing the shortened Post-Critical Belief Scale. *Personality and Individual Differences*, 38(4), 851–57.
- Fontaine, J. R. J., Duriez, B., Luyten, P., & Hutsebaut, D. (2003). The internal structure of the Post-Critical Belief scale. *Personality and Individual Differences*, 35, 501-18.
- Fromm, E. (1962). *Psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano.
- George, L. K., Ellison, C. G. & Larson, D. B. (2002). Explaining the relationships between religious involvement and health. *Psychological Inquiry*, 13(3), 190-200.
- Gonçalves, B. & Fagulha, T. (2004). The Portuguese version of the center for epidemiologic studies depression scale (CES-D). *European Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 339-48.
- Gorsuch, R. L. e McPherson, S. E. (1989). Intrinsic/extrinsic measurement: I/E-revised and single-item scales. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 28, 348-54.
- Gosling, S. D., Vazire, S., Srivastava, S., & John, O. P. (2004). Should we trust web-based studies? A comparative analysis of six preconceptions about internet questionnaires. *American Psychological Association*, 59(2), 93-104.
- Hathaway, A. D., Hyshka, E., Erickson, P. G., Asbridge, M., Brochu, S., Cousineau, M., & Marsh, D. (2010). An investigation of respondent driven sampling as a method of recruiting mainstream marijuana users. *Harm Reduction Journal*, 7, 15.

- Hutsebaut, D. (1996). Post-critical belief: A new approach to the religious attitude problem. *Journal of Empirical Theology*, 9, 48-66.
- Kirkpatrick, L. A., & Hood, R. W. (1990). Intrinsic-Extrinsic religious orientation: The boon or bane of contemporary psychology of religion? *Journal for the scientific study of religion*, 29(4), 442-62.
- Koenig, H. G. (2009). Research on religion, spirituality, and mental health: A review. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 283-91.
- Laranjeira, C. A. (2009). Preliminary validation study of the Portuguese version of the satisfaction with life scale. *Psychology, Health & Medicine*, 14(2), 220-6.
- Luyten, P., Corveleyn, J., Fontaine, J. R. J. (1998). The relationship between religiosity and mental health: Distinguishing between shame and guilt. *Mental Health, Religion and Culture*, 1, 165-84.
- Maltby, J. & Day, L. (2000). Depressive symptoms and religious orientation: Examining the relationship between religiosity and depression within the context of other correlates of depression. *Personality and Individual Differences*, 28, 383-93.
- McCullough, M. E., Hoyt, W. T., Larson, D. B., Koenig, H. G., & Thoresen, C. E. (2000). Religious involvement and mortality: A meta-analytic review. *Health Psychology*, 19, 211-22.
- Meads, D. M., McKenna, S. P. & Doward, L. C. (2011). *Assessing the cross-cultural comparability of the Centre for Epidemiologic Studies Depression Scale (CES-D)*. Manchester: Galen Research.
- Moreira, J. M. (2008, Novembro). Assim na Terra como no Céu? Religiosidade e bem-estar nos diferentes países da Europa. *Comunicação apresentada no X seminário de apresentação de resultados do European Social Survey 2006: Os tempos da vida e as percepções de bem-estar*, Lisboa.
- Morin A.J.S., Moullec G., Mañano C., Layet, L., Just, J.-L., & Ninot G. (accepted on March 2011). Psychometric properties of the center for epidemiologic studies

- depression scale (CESD) in French clinical and non-clinical adults. *Epidemiology and Public Health/Revue d'Épidémiologie et de Santé Publique*.
- Muñoz-García, A., & Saroglou, V. (2008). Believing literally versus symbolically: Values and personality correlates among Spanish students. *Journal of Beliefs & Values*, 29(3), 233-41.
- Neyrinck, B., Vansteekiste, M., Lens, W. & Soenens, B. (2010). Updating Allport's and Batson's framework of religious orientations: A reevaluation from the perspective of self-determination theory and Wulff's social cognitive model. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 49(3), 425-38.
- Neyrinck, Bart, Maarten Vansteenkiste, Willy Lens, Bart Duriez, & Dirk Hutsebaut. (2006). Cognitive, affective and behavioral correlates of internalization of regulations for religious activities. *Motivation and Emotion* 30(4), 321–32.
- O'Connor, B. P., & Vallerand, R. J. (1990). Religious motivation in the elderly: A French-Canadian replication and an extension. *Journal of Social Psychology*, 130, 53-9.
- Pargament, K. I. (2002). The bitter and the sweet: An evaluation of the costs and benefits of religiousness. *Psychological Inquiry*, 13(3), 168-81.
- Pargament, K. I., & Mahoney, A. (2002). Spirituality: Discovering and conserving the sacred. *Handbook of positive psychology*, 646-59.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment*, 5, 164-72.
- Perczek, R., Carver, C. S., Price, A. A., & Pozo-Kaderman, C. (2000). Coping, mood, and aspects of personality in Spanish translation and evidence of convergence with English versions. *Journal of Personality Assessment*, 74, 63-87.
- Peterson, C., & Seligman, M. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Washington: American Psychological Association.
- Radloff, L. (1977). The CES-D Scale: A self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurement*, 1 (3), 385-401.



- Ricoeur, P. (1960). *La symbolique du mal, tome II de finitude et culpabilité*. Paris: Aubier-Montaigne.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, 55, 68-78.
- Ryan, R., Rigby, S. & King, K. (1993). Two types of religious internalization and their relations to religious orientations and mental health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(3), 586-96.
- Santor, D. A. (2000) The centre for epidemiologic studies depression scale: Working paper. *Encyclopedia of Psychology*, recuperado de <http://pt.scribd.com/doc/56799155/Santor-2000-CES-D-Encyclopedia-of-Psychology>
- Saucier, G. & Skrzypińska, K. (2006). Spiritual But Not Religious? Evidence for Two Independent Dispositions. *Journal of Personality*, 74(5), 1257 – 1292.
- Schaefer, C. A., & Gorsuch, R. L. (1991). Psychological adjustment and religiousness: The multivariate belief-motivation theory in religiousness. *Journal for the scientific study of religion*, 30(4): 448-461.
- Sheldon, K. M. (2006). Catholic guilt? Comparing Catholics' and Protestants' religious motivations. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 16(3), 209-23.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2007). *Positive psychology: The scientific and practical explorations of human strengths*. California, Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Welch, S. (1975). Sampling by referral in a dispersed population. *Public Opinion Quarterly*, 39(2), 237.



## **ANEXOS**



Anexo 1. *Introdução ao protocolo*

**Estudo Internacional sobre a Diversidade na Fé**

A religião é algo que muitos dizem ser o resultado de uma necessidade intrínseca do ser humano de encontrar respostas para as grandes perguntas e um sentido para a vida. Presente sob várias formas em todas as culturas do mundo, a religião é vivida de formas muito diferentes por diferentes pessoas. Com a presente investigação, pretendo perceber melhor estas diferentes formas de encarar a religião e as suas relações com outros aspectos da vida

Agradecia-lhe que me ajudasse, respondendo às questões e reencaminhando este pedido para os seus amigos e conhecidos.

A sua resposta será fundamental, independentemente de ser ou não religioso ou da religião que professa. É apenas importante que tenha mais de 18 anos e que preencha o questionário correspondente à sua língua materna.

Não é recolhida nenhuma informação que permita identificá-lo; os dados são recolhidos de forma anónima e serão usados apenas para tratamento estatístico. O preenchimento dos questionários demora cerca de 10 a 15 minutos.

**Alguns dos questionários que se seguem foram originalmente concebidos com referência à religião Católica. Se esta não for a sua religião, tente interpretar as perguntas à luz das suas crenças (p. ex., substitua "Bíblia" por outra Escritura Sagrada ou a virgindade de Maria por uma crença equivalente na sua religião).**

Se tiver alguma questão relativamente a este estudo, pode contactar-me através do endereço: [rita.peixeiro@gmail.com](mailto:rita.peixeiro@gmail.com) ou ao meu orientador, professor João M. Moreira, através do endereço: [joao.moreira@campus.ul.pt](mailto:joao.moreira@campus.ul.pt).

Desde já o meu mais profundo agradecimento pela sua colaboração.

Rita Peixeiro



*Anexo 2. Resultado da Análise Factorial da Escala de Internalização Religiosa Cristã.*

	Factores	
	1	2
01. Deus é importante para mim e eu gostaria que outras pessoas também O conhecessem.	.89	.13
02. Eu iria sentir-me mal comigo mesmo se não o fizesse.	.74	.31
03. Quero ser aceite pelos outros cristãos.	.22	.60
04. Gosto de passar tempo com Ele.	.92	.10
05. Sentir-me-ia culpado se não o fizesse.	.45	.62
06. Considero que é gratificante.	.93	.07
07. Porque se não o fizer, não serei aceite por Deus.	.21	.67
08. Porque gosto de rezar.	.92	.07
09. Porque considero que é gratificante rezar.	.91	.10
10. Porque é suposto nós irmos à igreja.	-.07	.83
11. Quando vou à igreja aprendo novas coisas.	.79	.24
12. Porque os outros não me aceitariam se não o fizesse.	-.01	.76





## Anexo 3. Resultado da Análise Factorial da Escala de Crença Pós-Crítica

	Factores		
	1	2	3
01. A Bíblia esconde um significado mais profundo, que tem de ser descoberto através de uma busca pessoal.	-.71	.11	.06
02. Deus foi definido de uma vez para sempre e, portanto, é imutável.	-.34	-.21	.63
03. A fé é sobretudo um sonho bonito, que se verifica ser uma ilusão quando as pessoas se confrontam com as dificuldades da vida.	.71	.26	.08
04. A Bíblia é um guia na procura de Deus, e não um relato histórico.	-.30	.42	.17
05. Maria manteve-se realmente virgem, antes, durante e após o nascimento de Jesus, ainda que isso vá contra o pensamento moderno.	-.53	-.19	.48
06. Qualquer afirmação sobre Deus é ditada pela época em que é formulada.	.12	.73	-.15
07. Apesar de ter sido escrita num contexto histórico completamente diferente, a Bíblia contém, ainda assim, uma mensagem importante.	-.82	.15	.14
08. Só as grandes tradições religiosas oferecem uma garantia de se chegar a Deus.	.03	.02	.64
09. A maneira como as pessoas vivenciam a sua relação com Deus é sempre “colorida” pelo contexto social.	.16	.68	-.04
10. No fundo, existe apenas uma resposta correcta para cada questão religiosa.	.07	-.16	.74
11. O mundo das histórias da Bíblia está tão longe de nós que é muito pouco relevante.	.67	.24	.10
12. As explicações científicas do Homem e do mundo tornaram supérfluas as explicações religiosas.	.78	.13	.02
13. Deus evolui juntamente com a história da humanidade e, como tal, é mutável.	.14	.62	-.29
14. Tenho consciência de que as minhas crenças constituem apenas uma possibilidade entre muitas outras.	-.05	.55	-.38
15. Acho que as histórias da Bíblia devem ser entendidas literalmente, como estão escritas.	.11	-.08	.56
16. Apesar das muitas injustiças feitas à humanidade pelo Cristianismo, a mensagem original de Cristo permanece valiosa.	-.75	.18	.11
17. A fé não é, afinal, mais do que uma rede de segurança para as nossas angústias humanas.	.69	.31	.04
18. A fé é a expressão de uma personalidade fraca.	.69	.02	.10



Anexo 4. *Matrizes de Correlações Entre as Principais Variáveis, por País*

Quadro 1 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Portuguesa

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.91**	.26**	.68**	.43**	.07	-.01
Auton.	.91**	1	.37**	.67**	.43**	.12	-.01
Control.	.26**	.37**	1	.31**	-.06	-.07	.13
Incl.	.68**	.67**	.31**	1	.16*	.09	.05
Simbol.	.43**	.43**	-.06	.16*	1	.07	-.02
SCV	.07	.12	-.07	.09	.07	1	-.44**
Depr	-.01	-.01	.13	.05	-.02	-.44**	1

Quadro 2 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Brasileira

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.93**	.30	.71**	.35*	.26	-.15
Auton.	.93**	1	.44**	.73**	.31	.21	-.13
Control.	.30	.44**	1	.38*	-.12	.05	.00
Incl.	.71**	.73**	.38*	1	-.05	.13	-.09
Simbol.	.35*	.31	-.12	-.05	1	.02	-.02
SCV	.26	.21	.05	.13	.02	1	-.68**
Depr	-.15	-.13	.00	-.09	-.02	-.68**	1

Quadro 3 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Irlandesa

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.83**	.52**	.67**	.08	.25	-.22
Auton.	.83**	1	.33	.77**	.21	.21	-.27
Control.	.52**	.33	1	.34	-.22	.05	.23
Incl.	.67**	.77**	.34	1	-.18	-.02	-.26
Simbol.	.08	.21	-.22	-.18	1	.08	-.30
SCV	.25	.21	.05	-.02	.08	1	-.46*
Depr	-.22	-.27	.23	-.26	-.30	-.46*	1

Quadro 4 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Francesa

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.78**	.42*	.74**	.40	.50*	.13
Auton.	.78**	1	.65**	.66**	.34	.46*	.15
Control.	.42*	.65**	1	.28	.01	.34	.07
Incl.	.74**	.66**	.28	1	.28	.29	.01
Simbol.	.40	.34	.01	.28	1	.19	.50*
SCV	.50*	.46*	.34	.29	.19	1	-.25
Depr	.13	.15	.07	.01	.50*	-.25	1

Quadro 5 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Espanhola

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.83**	.36	.09	.33	-.04	-.08
Auton.	.83**	1	.13	.26	.22	.22	-.09
Control.	.36	.13	1	-.08	.09	-.01	-.29
Incl.	.09	.26	-.08	1	-.20	.12	-.03
Simbol.	.33	.22	.09	-.20	1	.33	-.16
SCV	-.04	.22	-.01	.12	.33	1	-.63**
Depr	-.08	-.09	-.29	-.03	-.16	-.63**	1

Quadro 6 - Matriz de Correlações entre as principais variáveis na amostra Canadiana

	Relig	Auton.	Control.	Incl.	Simbol.	SCV	Depr
Relig	1	.95**	.58**	.83**	.21	-.09	-.27
Auton.	.95**	1	.66**	.86**	.17	-.15	-.29
Control.	.58**	.66**	1	.44	.21	-.17	.15
Incl.	.83**	.86**	.44	1	-.07	-.43	-.22
Simbol.	.21	.17	.21	-.07	1	.39	-.13
SCV	-.09	-.15	-.17	-.43	.39	1	-.48*
Depr	-.27	-.29	.15	-.22	-.13	-.48*	1